

## ANÁLISE PSICOLÓGICA DO LIVRO "O ALIENISTA"

PREUSS, Fernanda Carina.

### Resumo

O presente resumo tem por objetivo apresentar a obra O Alienista, de Machado de Assis. A narrativa em questão trata sobre Dr. Simão Bacamarte, um homem que se aprofunda em estudos sobre a loucura, assim criando a Casa Verde, uma espécie de manicômio. Serão apontados os dados principais sobre a obra e o autor, além das considerações críticas sobre a história.

O Alienista, escrito por Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez em 1882 e é classificado por muitos como um conto longo, devido à estrutura de sua narrativa, mas a maioria dos críticos e especialistas o consideram uma novela devido à sua estrutura narrativa. A obra é enquadrada como o primeiro romance realista escrito por um autor brasileiro e é narrada em terceira pessoa, por um narrador-onisciente, preocupado com a objetividade e realismo da narração.

Como já citado a obra em questão, narra a história do Dr. Simão Bacamarte (Alienista), um respeitado médico que tinha boa fama em Portugal, Espanha e no Brasil. Ele é casado com a já viúva D. Evarista, quem ele julga ter uma aparência não muito agradável, o que ajudava a manter seu foco apenas na ciência, além de ser uma boa mulher para gerar bons filhos, o que acaba não acontecendo.

Dr. Simão acaba se dedicando então somente aos estudos da mente e a psiquiatria, o próprio afirma que a saúde da alma é a ocupação mais digna de um médico. Ele se muda para a cidade de Itaguai, Rio de Janeiro, onde pede autorização do Governo para abrir uma clínica feita para estudar a loucura e doenças da mente. O local é batizado de Casa Verde, nome dado em alusão à cor das 50 janelas da casa, em sua arquitetura colossal, com um pátio central e numerosos cubículos destinados aos "hóspedes", que tem por objetivo o aprofundamento dos estudos sobre a loucura, seus diversos graus, e principalmente descobrir as causas da mesma e a criação de um remédio universal. No começo as internações eram feitas com pessoas que possuíam realmente casos de loucura, sendo aclamado pela população.

Posteriormente, o médico passa a internar pessoas consideradas sãs, como Costa, um rapaz que havia recebido uma herança com a qual daria para viver até o fim da vida, mas gastou tudo em empréstimos aos outros e acabou na miséria. Simão usa o conceito do desafeto para justificar a internação do rapaz. Nem D. Evarista escapou, foi internada por não conseguir decidir que roupa vestir para uma festa. Metade da população já estava internada e as pessoas começaram a se revoltar, a Casa Verde pode ser considerada uma verdadeira prisão, assemelhando-se a figura do Holocausto Brasileiro. O barbeiro Porfirio decide liderar uma revolta para soltar as pessoas que foram presas injustamente conhecido como a "revolta das canjicas". Esta manifestação de nada adianta e no final os manifestantes também acabaram presos internados, isso mostra a grande influência de Simão Bacamarte na cidade.

Quando mais de 80% da população da cidade estava internada, Dr. Simão viu que havia algo de errado com seu critério, porque a maioria não pode ser louca, se a loucura foi sempre exceção, e decidiu o rever: se a maioria seguia um desvio de padrão, quem tinha regularidade em suas ações e firmeza de caráter eram os verdadeiros loucos. Então ele decidiu prender a minoria, e muitas pessoas, são consideradas curadas ao apresentarem algum desvio de caráter, e após algum tempo, todos os internos se

mostraram desequilibrados. Por fim, ele não encontrou ninguém que possuísse ao menos um desvio de caráter, ninguém com uma personalidade perfeita, a não ser ele mesmo. Perguntou a todos os seus amigos se estes viam algum defeito nele, todos afirmaram que não havia se quer um defeito. O Padre Lopes, confirmou a teoria de Dr. Simão, quando diz a ele, que além de não possuir nenhum defeito, ainda possuía a virtude da modéstia, por ter perguntado a outras pessoas sobre sua personalidade. Dr. Simão então se internou e ficou sozinho na Casa Verde, alienando-se a si próprio, falecendo dezessete meses depois.

Diante de todas as informações da narrativa apresentada, fica claro que a história do Alienista, é uma grande alegoria. Machado usa de algo onde a maioria dos acontecimentos significam outros. Desde o início o foco não era o destino da cidade de Itaguai, ou do próprio Simão Bacamarte, mas sim o lugar e a proporção que a ciência toma na vida cotidiana. É perigoso pensar que a ciência pode resolver absolutamente tudo, como afirma o protagonista. Mesmo com tudo o que se passa a saber através da ciência, com toda a ampliação da capacidade de atuação no mundo que a tecnologia científica traz, a humanidade não tem sido capaz de resolver os seus principais problemas. A mesma ciência que compreende cada vez mais a fundo a natureza, contribui para a devastação ambiental do planeta. A mesma ciência que ajuda a produzir riqueza, bem-estar e poder, também contribui para a manutenção das desigualdades sociais, propiciando novas formas de controle, dominação e segregação. Mesmo com todo o desenvolvimento científico que se conquista a cada dia, vive-se num mundo onde a fome, miséria, ignorância e violência são problemas tão reais e urgentes quanto o eram há séculos atrás. É patético e até irônico afirmar que a ciência é a solução de todos problemas.

Outro ponto importante a ser discutido, trazido na narrativa, é a questão do normal e da razão, numa perspectiva mais ampla, o patológico. O Alienista traz consigo uma expressão cômica em relação à prática psiquiátrica do século XIX, compreendida como um poder médico que domina a loucura, mesmo que não a conheça completamente. Analisando os estudos de

Michel Foucault, em *A História da Loucura*, percebe-se que há várias questões que podem ser relacionadas. Foucault traz que o espaço que caracterizou e constituiu aos poucos a alienação no Brasil foi o de uma política repressiva desconhecadora do seu objeto, para além do sentido social e jurídico, e, no *Alienista*, a psiquiatria vem para a cidade de Itaguai, mesmo que indiretamente, em razão do seu objetivo real, que é a “cura” do mal-estar que desordena a sociedade, uma política higienista pura, fazendo uma “limpeza social”. Isso fica nítido quando Dr. Simão decide prender 80% da população da cidade. Ambos os livros apontam, às suas distintas maneiras, a fragilidade e grande falha epistemológica da psiquiatria, além da ideia de que a racionalidade a todo o custo é uma potência que compromete a vida e impossibilita o ser humano. O patológico está muito mais relacionado ao que a sociedade, vulgo, mundo capitalista, quer excluir, do que de fato ao sofrimento mental.

Simão Bacamarte afirmava que era possuidor do poder de delimitar exatamente a linha tênue de separação da razão e da loucura, do normal e do patológico. Claramente, ele não tinha a resposta correta quanto a isso, – será que existe uma resposta correta? – mas tinha todos os critérios para ditar o que na cabeça dele, era correto. Tinha uma razão teórica, que equivale à ciência mais a manipulação discursiva, uma razão econômica de seu sistema, que se dá pela soma da ciência ao dinheiro, e, a última, uma razão política, fruto da ciência e da imposição do terror por meio do poder, Simão tinha completo apoio das autoridades locais. Perante a isso, pode ser considerado um ditador de verdade da época.

A ideia de Simão desde o início, era criar uma teoria e um remédio universal que se aplicasse a realidade por completo. Ou seja, primeiro cria-se transtornos, para depois diagnosticá-los em pessoas, e não ao contrário. Uma crítica direta a psiquiatria clássica. A Casa Verde funcionava como uma prisão, um cárcere privado, onde pessoas eram manipuladas, com testes, para enriquecer mais a psiquiatria e a farmacologia, Crispim Soares, o boticário da cidade, apoiava Simão, visando o crescimento de suas vendas. Porém, no fim da história, uma reviravolta acontece e Bacamarte é capaz

de operar uma grande mudança sobre os valores que considerava normal, a ponto de patologizar a normalidade e certificar a saúde da anormalidade. E com essa jogada final, a história deixa claro que não há loucura alguma na vila, exceto por parte de quem a produz.

Assim como, na narrativa da história, o Vaticano triunfou sobre o imperador, não se pode negar que a novela termina pela vitória da teologia. Após encarcerar a ciência na Casa Verde, Padre Lopes, que antes elogiara as virtudes do médico, impõe-se o trabalho de espalhar o boato de que jamais houvera outro louco em Itaguai a não ser o alienista. porque atribuído ao padre, diz o narrador- de que nunca houvera outro louco na vila senão o médico.

E-mail: [fernandapreuss45@hotmail.com](mailto:fernandapreuss45@hotmail.com)